

# Recensão Crítica

Foyos, P. (2014). *O “Grande Jornalzinho” da Rua dos Calafates*. Lisboa: Prelo.

## *Um fresco notável sobre a fase Bairro Alto do Diário de Notícias*

[http://dx.doi.org/10.14195/2183-6019\\_2\\_16](http://dx.doi.org/10.14195/2183-6019_2_16)

Por motivos muitos diversos, o *Diário de Notícias* foi e é notícia regular, desde que naquele 29 de dezembro de 1864 apareceu nas ruas de Lisboa a proclamar através das vozes agudas dos miúdos ardinias que era “um jornal de todos para todos”. Em rigor, o primeiro número não foi ainda vendido pelas mãos dos ardinias, mas não tardaram em surgir, como resposta ao boicote dos postos de venda que se recusavam a aceitar um jornal quatro vezes mais barato que a concorrência. “Um órfão que eu acolhera na minha própria casa, de seu nome João Baptista Borges, ofereceu-se para vender o *Diário de Notícias* nas ruas, apregoando-o pela cidade inteira. Assim o fez, e foi apedrejado. Mas tornou-se o primeiro ardina em Portugal” (p. 140), recorda o cofundador e primeiro diretor, Eduardo Coelho.

Daí para cá, a história do jornal confunde-se com a do País e com a história do jornalismo português. Em plena era de crise da imprensa — e do próprio jornal —, um seu antigo redator, Pedro Foyos, escreve sobre os primórdios de um título que introduziu a reportagem, o cartunismo e a ilustração na primeira página, em

Portugal, antes de contratar, à entrada da quarta década de publicação, o primeiro repórter fotográfico — tudo por 10 réis, o que, à época, custava “metade do preço da talhada mínima de sabão macaco” (p. 32).

“*O grande jornalzinho*” da rua dos Calafates, assim se chama o livro editado pela Prelo, constitui um fresco notável da Lisboa dos finais de oitocentos e primeiras décadas do século xx, misturando o fervilhar da cidade e dos ecos que lhe chegavam do país rural com as múltiplas realidades, desafios e constrangimentos que diariamente o jornal viveu e enfrentou. A história deste “grande jornalzinho”, como lhe chamou Bulhão Pato e a cuja expressão Pedro Foyos foi buscar o título para o livro, confina-se ao período em que ele permaneceu no Bairro Alto — até 1940 — essa fase inicial de que menos se conhece e sabe sobre este diário.

Nascido num tempo onde a imprensa era um prolongamento da ação política, quando não o seu instrumento, o *Diário de Notícias* afirmou-se pela diferença e pela vontade de ser ao mesmo tempo um projeto editorial com viabilidade económica, como

agora se diz, fruto do casamento feliz de duas personalidades que se complementavam bem, Eduardo Coelho e Thomaz Quintino Antunes, como, de resto, o livro nos dá conta em vários momentos e de forma bem detalhada:

“O *Diário de Notícias* incrementou em Portugal, num prazo brevíssimo, o aparecimento de publicações congéneres, patente no facto de se terem publicado na década sequente à fundação, mais de trinta e três jornais ao preço de e réis” (...) Apesar da competitividade em género e preço, nenhuma publicação logrou alcançar o êxito do *Diário de Notícias*, que no espaço de um ano duplicou a tiragem diária, de cinco mil para nove mil exemplares, não cessando de aumentar, para fortuna também da fábrica da Abelheira, produtora do papel” (p. 23).

O novo *jornalzinho*, “tão pequeno que Rocha Martins o equipara a um “lenço de algibeira” dos usados na época” (p. 21) irá ser alvo, nas décadas seguintes, de constantes mudanças de formato, ora aumentando,

ora diminuindo novamente, o mesmo sucedendo com o número de páginas – oito ou doze –, variação ditada pelo volume de publicidade (p. 81- 83). Até que “em 1910 uma nova impressora rotativa, ainda mais potente, chega às oficinas do Bairro Alto, acompanhada de uma parafernália de equipamentos de composição e de paginação, desconhecidos por completo em Portugal e que no conjunto marcarão o início de uma nova era tipográfica, só equiparada à futura revolução do *offset*” (p.83).

Dividida em 12 capítulos, esta obra de Pedro Foyos, além de muito bem documentada em fotografias e ilustrações, tem o ritmo e a vivacidade descritiva da reportagem que gosta de ser apelativa e “acessível a todas as inteligências”, como proclamava o *DN* no seu número inaugural, mas que respeita o rigor das fontes – e as cruza – sem nunca sacrificar a precisão do que é dito em favor de uma qualquer artificialidade narrativa.

Neste contexto, assume particular relevo o modo como o autor nos envolve e remete para o final da tarde de 1 de fevereiro de 1908, para acompanharmos por dentro o frenesim, os dilemas e as dúvidas de uma

redação que já tinha a primeira página fechada, quando soube do regicídio “ali ao lado” (p. 74). O que fazer, quando escasseavam dados sobre o acontecimento e quando “um atraso de poucos minutos pode arruinar metade da edição” (p. 75), se esta não chegar a tempo de o comboio a transportar? Eis como Pedro Foyos revela ao leitor os detalhes que este desconhece sobre o processo de produção de um jornal, neste caso quando um acontecimento histórico revoluciona toda a rotina instalada:

“Opta-se enfim por um expediente inédito. Todo o texto em chumbo contido na primeira página, distribuído por oito colunas, desce em bloco. Este arrastamento origina inevitavelmente que as linhas finais, em baixo, fiquem ceifadas às cegas. Logo se tentará um modo de as notícias não sofrerem truncagens grosseiras. Algumas serão mesmo excluídas. A engenhosa manobra tem por fim abrir à cabeça uma calva que acolherá a toda a largura um título com três linhas, seguido de uma prosa introdutória. Tudo o mais permanece

inalterado, como se nada de especial tivesse ocorrido nas últimas horas” (p. 77).

A história de um jornal não se faz, contudo, sem as vidas e as estórias dos que, mais direta ou indiretamente, foram construindo o seu percurso. (Caraterísticas, aliás, que encontramos em outras obras do género: Molina, 2009, Talese, 2007, Staraselski, 2004, Evans, 1983). Daí, os espaços e atenção dados aos arduos, aos ilustradores, aos repórteres fotográficos, à publicidade – e até ao seu principal concorrente, *O Século*.

O último capítulo, no entanto, escapa à linha dominante do livro. Vai recuperar o trabalho publicado em 1984 no *DN*, por Maria Augusta Silva que, com base numa aturada pesquisa sobre os textos escritos por Eduardo Coelho e que sobre ele escreveram personalidades como Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Júlio César Machado, António Augusto Teixeira de Vasconcelos, Alfredo da Cunha e Magalhães Lima, mostra-nos um exercício jornalístico interessante, através da construção de uma entrevista póstuma ao primeiro diretor do jornal.

O objetivo é, em poucas páginas, dar ao leitor o essencial do pensamento de Eduardo Coelho, como cidadão, como homem e como jornalista. O que é conseguido.

O que sentiria ele se soubesse que a sua obra, que um dia considerou que tinha “o valor das obras dignas da cooperação e do aplauso dos homens justos e imparciais” (p. 148) é hoje, fruto de muitas circunstâncias, notícia de uma morte anunciada?

Certo que os tempos eram outros, quando a compra de um jornal “era um ato socialmente distintivo” (p.32), embora à época se adquirisse um diário “com o propósito de o ler na íntegra e não porque a divulgação de um determinado tema tenha sugerido em particular os leitores virtuais” (p.33). Lia-se um jornal como se lia um livro, da primeira para a última página. Hoje, os leitores virtuais preferem comentar ou fazer

*like* nas redes sociais sem se darem ao trabalho de se informar primeiro. O facebook é, neste sentido, o ardor dos tempos modernos que, à sua medida, contorna, apregoa e substitui a forma tradicional de distribuição de informação. Quem nos dera um novo “grande jornalzinho”, capaz de revolucionar o modo de fazer jornalismo, como o soube fazer o *Diário de Notícias* quando nasceu na velha rua dos Calafates.